

A COMPREENSÃO LEITORA EM HIPERTEXTOS DIGITAIS E TEXTOS CONTÍNUOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Jairo Venício Carvalhais Oliveira
Patrícia Souza Diniz
Tércia Rodrigues Timo

Universidade Federal de Minas
Gerais – UFMG

Resumo



presente trabalho procurou investigar se há diferenças na compreensão da leitura de textos apresentados em dois formatos: impresso/contínuo e hipertextual/digital. Para cumprir essa empreitada, foram selecionados textos que tratavam de um mesmo tema, mas pertencentes a diferentes gêneros textuais. Partiu-se do pressuposto de que todo texto é, por excelência, um hipertexto, e de que toda leitura é realizada de modo hipertextual. Com base nesses preceitos, a hipótese levantada foi a de que o formato de apresentação dos textos não constituiria um fator capaz de interferir substancialmente na leitura, uma vez que o processamento da compreensão não ocorre de maneira linear. O experimento foi realizado com alunos do curso de Letras de uma universidade pública federal, os quais foram divididos em dois grupos. Um grupo “A”, composto por quatro estudantes, realizou a leitura dos textos em formato digital. Um segundo grupo, intitulado “B”, realizou a leitura dos textos em formato impresso. Os resultados obtidos evidenciaram que há leves diferenças, ainda que pouco significativas, nas habilidades de leitura de textos em formato hipertextual/digital *versus* formato impresso/contínuo. No entanto, uma análise qualitativa das respostas obtidas no experimento mostrou que essas diferenças não implicam, necessariamente, incompreensão dos textos lidos.

Palavras-chave: Leitura hipertextual. Gêneros textuais. Compreensão leitora.

Introdução

Num tempo em que a leitura ocorre cada vez mais a partir da tela do computador, muitos pesquisadores se interessam em buscar respostas às diversas questões que surgem com as novas possibilidades de acessos, modos e gestos no que diz respeito ao ato de ler e de compreender.

Para pensar sobre a influência do hipertexto digital na compreensão leitora, é preciso lembrar que já vivenciamos (e estamos imersos) em uma cultura permeada pelo digital, pela tela em convivência com o papel e pelas possibilidades oferecidas pelas já conquistadas tecnologias eletrônicas, o que certamente impõe limites a qualquer trabalho que tenha por pretensão comparar dois mundos que, por si sós, não existem sozinhos, mas convivem.

Levando em conta essas constatações, o presente trabalho procurou investigar se há diferenças na compreensão da leitura de textos apresentados em dois formatos: impresso/contínuo e hipertextual/digital. Foram selecionados textos que tratavam de um mesmo tema, mas pertencentes a diferentes gêneros textuais. Partiu-se do pressuposto de que todo texto é, por excelência, um hipertexto, e de que toda leitura é realizada de modo hipertextual. Com base nesses preceitos, a hipótese levantada foi a de que o formato de apresentação dos textos não constituiria um fator capaz de interferir substancialmente na leitura, uma vez que o processamento da compreensão não ocorre de maneira linear. O experimento foi realizado com alunos do curso de Letras de uma universidade pública federal, os quais foram divididos em dois grupos compostos por quatro estudantes. Um grupo, “A”, realizou a leitura dos textos em formato digital. Um segundo grupo, intitulado “B”, realizou a leitura dos textos em formato impresso. Interessa-nos aqui uma abordagem que enfatize a leitura do texto digital com todas as suas características em comparação com a leitura do texto impresso.

Este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: além desta introdução, o texto está dividido em quatro partes: na parte 2, apresentam-se os pressupostos teóricos que deram sustentação à pesquisa realizada. Na parte 3, são expostos, de maneira detalhada, os materiais e métodos utilizados no experimento. Na parte 4, apresentam-se as análises efetuadas e os resultados obtidos. Por fim, são tecidas as considerações finais, com o intuito de respondermos à questão que motivou o presente estudo de base experimental.

Referencial Teórico

A textualidade eletrônica, conforme denominação apresentada pelo historiador Roger Chartier (2007), suscita questões essenciais sobre a leitura, o leitor, o texto digital e o texto impresso. O autor lança luzes sobre as novas modalidades eletrônicas de apresentação e circulação do texto escrito. Uma das perguntas mais complexas e difíceis de ser respondida no trabalho do autor é a que questiona se as formas de apresentação dos textos exercem efeito sobre a construção de sentidos.

Chartier (2007) problematiza os modos pelos quais o mundo digital altera a relação do leitor com o texto impresso. Um dos aspectos desse texto digital é a possibilidade de ligação entre unidades textuais a partir de conexões eletrônicas que apresentam principalmente a marcação de uma não linearidade na superfície textual, ou seja, o hipertexto digital. O hipertexto parece modificar primeiramente as relações entre as unidades do texto com maiores aberturas à multimodalidade. Segundo esclarece o autor,

o hipertexto e a hiperleitura que ele [o livro eletrônico] permite e produz transformaram as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos, agora associados em circunstância não linear, a partir das conexões eletrônicas, de maneira que as ligações realizadas entre os textos fluíssem para fora de seus contornos e em número virtualmente ilimitado. (CHARTIER, 2007, p. 86).

Comparando a leitura de hipertextos digitais e textos contínuos ou hipertextos impressos, Coscarelli (2012) chegou à conclusão de que seria exagero tanto dizer que tudo seja diferente quanto dizer que não haja diferença alguma entre essas duas atividades de leitura. Para tanto, a autora refletiu sobre algumas noções essenciais no tratamento da questão, quais sejam, a noção de texto, a de textualização, hipertexto, hipertexto digital, navegação e leitura. Ao contrário de Beaugrande (1997), para quem texto é um evento em que convergem ações cognitivas, linguísticas e sociais, Coscarelli (2012) defenderá que texto é produto e textualização é evento, conforme conceituação exposta a seguir.

[...] um processo linguístico, cognitivo e cultural de aplicação dos fatores de textualidade. [...] A textualidade dos artefatos linguísticos com os quais interagimos é produzida à medida que aplicamos a eles princípios de textualização [...]. Cada vez que um usuário interpreta um artefato como texto é porque

conseguiu aplicar a ele, com sucesso, os princípios de textualização, construindo sua coesão, sua coerência e tudo mais. (COSCARELLI, 2012, p. 148)

Desse modo, a noção de texto apresentada neste trabalho leva em consideração a sua materialidade, entendendo-o como produto mediador do evento comunicativo. Assim, o texto pode ser definido como

[...] uma unidade linguística concreta, [...] um conjunto organizado de informações conceituais e procedimentais (instruções de como ligar essas informações), que medeia a comunicação. É um produto de um ato discursivo, isto é, está sempre marcado pelas condições em que foi produzido e pelas condições de sua recepção. [...] Assim, o texto não funciona autonomamente, posto que depende da ação de quem o produz, e também de quem o recebe. (CAFIERO, 2002, p. 31)

Coscarelli (2012) afirma que, a esta definição, acrescentaria apenas a ideia de ambiente digital, de modo que tal definição possa também ser aplicada ao hipertexto digital, o qual é conceituado pela autora como “um conjunto de nós, textos ou unidades de informação verbais ou não verbais (...) conectados a outros *links*, (...)” (COSCARELLI, 2012, p. 149). Essa conceituação da autora sobre o hipertexto harmoniza-se com a definição anteriormente dada por Lévy (1993, p. 31), para quem o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Nesse sentido, o teórico entende que os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras e documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a sua maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Apesar da relação normalmente estabelecida entre hipertexto e contexto digital, já é corrente nos estudos sobre o assunto a noção de que jornais, revistas, livros e outros materiais impressos também podem ser considerados hipertextos, visto que possuem recursos hipertextuais como índices, títulos e notas de pé de página. Além disso, Ribeiro (2008) pontua que, depois de comparar a leitura e as estratégias usadas pelo leitor de um jornal impresso ou digital, “o leitor traz para a leitura do jornal hipertextual digital sua bagagem relacionada à busca no jornal, adquirida na leitura do jornal impresso”, lembrando que “leitura e navegação são competências distintas e que é ideal que o leitor desenvolva as habilidades relativas a ambas”

(RIBEIRO, 2008, *apud* COSCARELLI, 2012, p. 151). Neste trabalho, no entanto, temos como foco principalmente questões relacionadas à competência leitora.

Lévy (1993, p. 33) pontua, como exposto acima, que os itens de informação conectados no hipertexto não são ligados linearmente, mas sim de forma reticular (no sentido de rede). Essa questão da linearidade ou não linearidade já foi largamente discutida e associada muitas vezes à diferenciação entre texto e hipertexto. Ribeiro faz uma esclarecedora reflexão sobre o assunto, observando que

linearidade e não-linearidade são tópicos de discussão vinte anos antes da obra de Pierre Lévy ser traduzida no Brasil. Para uns, a linha ajuda, por exemplo, o leitor a perceber coerência no texto; para outros, a não-linearidade promete maior interatividade e mais opções de busca para um leitor mais ativo e comprometido. (RIBEIRO, 2009, p. 29).

Apesar das associações da questão à contraposição do texto em relação ao hipertexto, para Coscarelli (2006), todo texto (hipertexto digital ou não) e toda leitura é não linear, pois são fenômenos que trabalham com uma pluralidade de dimensões: a dos elementos formais (lexical, morfossintática, semântica, textual) e a dos participantes do discurso (suas intenções comunicativas, a situação de comunicação). Dimensões que ela identifica como enunciado e enunciação ou dimensão pragmática e dimensão discursiva.

Defendendo o caráter hipertextual de todo texto, Coscarelli lembra que, no sentido bakhtiniano, “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (COSCARELLI, 2006, p. 5). A multiplicidade de planos e conexões é intrínseca a todo e qualquer texto, motivo pelo qual não se pode afirmar que o hipertexto digital estabeleça uma ruptura com a linearidade do texto impresso. A esse respeito, a autora ressalta que a criação de links é uma operação feita em qualquer atividade mental, ou seja, é básica em qualquer processamento cognitivo, haja vista que “nossa mente funciona ‘linkando’, relacionando informações construídas àquelas ainda em construção, dados adquiridos a outros que estão sendo percebidos, num processo contínuo de construção de relações”. (COSCARELLI, 2006, p. 8)

Tais considerações permitem afirmar que a busca do sentido textual é um processo complexo de construção de significados

relacionados ao contexto de produção e recepção, aos modos de circulação, ao mundo de referência do leitor, aos seus conhecimentos prévios, aos objetivos de leitura e aos aspectos socioculturais. Nessa perspectiva, a leitura de um texto (em formato contínuo ou hipertextual), exige muito mais do que o simples conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores, uma vez que, nesse processo, o leitor é, necessariamente, levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitiva, social e discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar de maneira ativa na construção do sentido.

Na tentativa de mostrar resultados relacionados à compreensão da leitura de textos em diferentes formatos (impresso/contínuo e hipertextual/digital), será descrita, na próxima seção, a metodologia de pesquisa que guiou a realização do experimento empreendido no presente trabalho.

Metodologia

O experimento apresentado a seguir buscou avaliar se existem diferenças significativas na compreensão de textos de diferentes gêneros, quando lidos no formato impresso e no formato hipertextual. Nossa hipótese inicial foi a de que não haveria diferença, por considerarmos a leitura como um processo cognitivo essencialmente hipertextual.

Sujeitos

Participaram da pesquisa oito informantes, estudantes de Letras da Universidade Federal de Minas Geras e cursavam, na data do experimento, o 5º (quinto) período desse curso. Esses sujeitos foram divididos em dois grupos: o primeiro, composto por quatro alunos, realizou a leitura dos textos em formato hipertextual. Já o segundo grupo, também composto por quatro alunos, realizou a leitura dos textos em formato impresso. A escolha desses estudantes foi motivada pelo fato de eles possuírem um bom grau de letramento em relação a diferentes gêneros textuais que circulam em diferentes domínios discursivos. Além disso, motivou também a escolha o fato de esses sujeitos apresentarem familiaridade com o uso de computadores e terem o hábito de realizar leituras diversas,

tanto em formato impresso quanto em formato digital. A colaboração dos informantes foi voluntária e todos eles, aparentemente, demonstraram interesse em colaborar com a pesquisa.

Materiais

Para verificar se há diferenças na leitura de textos de diferentes gêneros em função do formato de apresentação dos textos, foram reproduzidas duas versões de um mesmo material: uma versão hipertextual/digital e outra impressa/contínua.

Para tanto, quatro gêneros textuais foram usados neste experimento: um artigo, um editorial, um infográfico e um comentário de leitor. Todos os textos desses gêneros foram extraídos do jornal *Folha de S. Paulo*, versão *on-line*, e tratavam de um mesmo tema, a saber: uma mastectomia preventiva realizada pela atriz norte-americana Angelina Jolie. Vale destacar que esse tema teve grande repercussão na mídia, tanto no cenário brasileiro quanto no cenário internacional. Os textos selecionados foram publicados no jornal *Folha de S. Paulo* entre os dias 14 e 16 de maio do ano de 2013.

Além dos textos, foram usados no experimento uma ficha com dados pessoais de cada informante e um questionário com perguntas sobre os textos lidos.

Tarefas

O experimento foi realizado no laboratório de informática da FALE (Faculdade de Letras) da UFMG. Os grupos ficaram separados em lados distintos do laboratório e cada estudante cumpriu as tarefas solicitadas de forma individual. Dito de forma mais clara, cada estudante preencheu a ficha com hábitos de leitura à mão e essa ficha foi recolhida pelos pesquisadores. Em seguida, todos os estudantes foram instruídos sobre o experimento, que constava de duas etapas: (i) leitura de quatro textos de diferentes gêneros, apresentados em dois formatos distintos: hipertextual e impresso e (ii) preenchimento de um questionário de interpretação, composto por cinco perguntas abertas. Dito isso, deu-se início ao experimento propriamente dito, em que um grupo “A”, composto por quatro alunos, leu os textos em formato hipertextual/digital e efetuou o preenchimento do questionário de interpretação. Nesse mesmo

tempo, um grupo “B”, também composto por quatro alunos, efetuou a leitura dos textos em formato impresso/contínuo e realizou o preenchimento do questionário supracitado. Todos os sujeitos registraram as respostas às perguntas constantes no questionário de interpretação no editor de texto Word. Quanto ao tempo disponível para a realização da tarefa, não houve uma diferença significativa entre os grupos. De modo geral, os estudantes realizaram o experimento entre 45 e 55 minutos.

As perguntas

A compreensão dos textos lidos foi verificada por meio de perguntas que visavam medir algumas habilidades de leitura contempladas pelo SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica). De modo geral, as perguntas respondidas por ambos os grupos buscavam contemplar as seguintes habilidades: (i) Identificar a tese de um texto, (ii) Produzir inferências de diferentes tipos, (iii) Localizar informação, (iv) distinguir um fato da opinião relativa a esse fato e (v) Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

É importante frisar, com base em Coscarelli (2012) e em Araújo (2006), as limitações impostas por uma pesquisa experimental que objetiva avaliar a leitura e a compreensão de textos. Em linhas gerais, uma primeira dificuldade a ser pontuada diz respeito ao fato de só podermos estudar a leitura através de medidas indiretas (*off-line*). No caso de uma resposta insuficiente ou inadequada, por exemplo, existe a possibilidade de o sujeito não ter se sentido estimulado a responder, ou até mesmo apresentar dificuldade de expressão escrita, apenas para mencionar alguns fatores. Outro aspecto está relacionado ao fato de a compreensão não se resumir às habilidades por nós elencadas e expostas acima. Acreditamos, ainda assim, que o procedimento adotado nesta pesquisa, de base experimental, pode nos fornecer informações e dados relevantes com relação à leitura de textos impressos e hipertextos digitais.

Os dados

Primeiramente, foi feita uma análise quantitativa dos dados em que as respostas de cada informante, presentes no questionário de interpretação, foram classificadas em quatro categorias: “adequada”, “parcialmente adequada”, “não adequada” e “sem resposta”. Consideramos que a resposta foi satisfatória quando

o sujeito demonstrou explicitamente que foi capaz de realizar a tarefa proposta na questão. As respostas às perguntas foram classificadas de acordo com uma grade de respostas previstas, elaborada pelos pesquisadores.

Apresentação e análise dos resultados

Em um primeiro momento, apresenta-se, de maneira quantitativa, o número de acertos dos sujeitos para cada uma das perguntas propostas no questionário de compreensão (em ambos os formatos: hipertextual e impresso). Em seguida, foi realizada uma apuração qualitativa, em que todas as respostas foram analisadas e agrupadas por similaridade. Para ilustrar essa análise qualitativa, em função do escopo do presente trabalho, serão apresentadas as respostas dadas pelos sujeitos em relação às questões 01 e 02 presentes no questionário de compreensão.

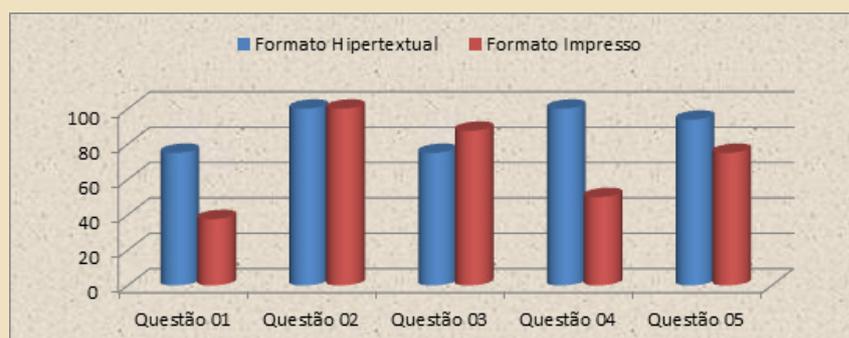


Gráfico 01: percentual de acertos nos formatos hipertextual e impresso

Conforme indicam os dados do gráfico, houve, em princípio, uma pequena diferença entre o número total de respostas consideradas adequadas nos dois formatos, revelando uma pequena vantagem do formato hipertextual (88,75%) em relação ao formato contínuo (70%). Aparentemente, esse resultado contraria a hipótese inicial da pesquisa, uma vez que tal hipótese apontava para a ausência de diferenças na compreensão dos textos apresentados em formato hipertextual e em formato impresso.

A partir disso, como já informado, as evidências suscitadas pelos dados quantitativos do experimento impuseram a necessidade de uma análise qualitativa, com detalhamento de cada habilidade de leitura avaliada, a fim de serem obtidas informações que pudessem explicar os processos realizados pelos leitores na compreensão dos textos. Assim, foi realizada uma análise qualitativa de cada uma das respostas obtidas no experimento, tanto da leitura realizada pelos sujeitos no

formato hipertextual quanto da leitura realizada no formato impresso. Essa análise fez-se necessária para mostrar até que ponto as respostas dos sujeitos leitores, nos diferentes formatos, evidenciariam diferenças na compreensão.

Como já explicitado, em virtude da limitação de espaço para este artigo, apresentamos, a título de ilustração, a análise qualitativa feita para as respostas obtidas em relação às questões 01 e 02, em ambos os formatos. Importante destacar que os textos (respostas) dos sujeitos foram aqui transcritos *ipsis literis*, sem intervenção dos pesquisadores.

Análise qualitativa da questão 01: versão hipertextual x versão impressa

Essa questão buscou verificar a habilidade dos sujeitos em identificar a tese de um texto. Esperava-se que os sujeitos fossem capazes de perceber a proposição central defendida pela atriz Angelina Jolie em seu artigo. Tendo em vista as respostas dadas pelos informantes das versões hipertextual e impressa, presentes nos questionário de interpretação, essas respostas foram classificadas em quatro categorias, conforme já explicitado anteriormente, aqui retomadas: “adequada” = o que equivale ao estágio III de compreensão; “parcialmente adequada” = o que equivale ao estágio II de compreensão; “não adequada” = o que equivale ao estágio I de compreensão. A seguir, apresentamos, de forma comparativa, algumas respostas dadas à questão 01, com base na leitura dos textos em ambos os formatos (hipertextual e impresso). Vejamos, primeiramente, as respostas dadas pelos sujeitos da versão hipertextual.

Resposta à questão 01 - sujeito 01 – Versão Hipertextual

Angelina Jolie mostra no seu texto a necessidade de se submeter a uma cirurgia. Ela explica que a necessidade ocorre porque, após exames, a possibilidade de desenvolver câncer de mama é de mais de 80%.

Resposta à questão 1 – sujeito 02 – Versão Hipertextual

Em seu texto, Angelina Jolie apresenta sua realidade diante do câncer, tinha risco de 87% de câncer de mama e de 50% de câncer de ovário. Assim que se soube que sua realidade era essa, decidiu agir de modo pró-ativo e tomou a decisão de realizar uma dupla mastectomia. Então, decidiu escrever a respeito com a esperança de que outras mulheres possam se

beneficiar de sua experiência.

- Resposta à questão 1 – sujeito 03 – Versão Hipertextual
- Angelina defende o direito de escolha das mulheres, de se submeterem ou não a procedimentos cirúrgicos (considerados invasivos) que visem diminuir o risco do desenvolvimento do câncer.
- Resposta à questão 1- Sujeito 04 – Versão Hipertextual
- Para Angelina Jolie, é justificada a opção por retirar os seios – embora possa ser entendida como uma ação extremamente invasiva e precipitada – quando a probabilidade de se ter um câncer de mama é consideravelmente alta e potencializada por um retrospecto genético do mesmo caso na família.

Na resposta do sujeito 01, observa-se o estágio I de compreensão, o que nos leva a classificá-la como inadequada. Nota-se uma ausência de inferência, haja vista que o Sujeito 01 não demonstrou compreensão global sobre o texto, sendo sua resposta vista apenas como uma paráfrase do texto de origem. O caso Angelina, referência dada pela própria atriz/autora como exemplificação, é tomado como ideia central e, portanto, como tese. Quando a tese, na verdade, não diz respeito a ela, mas a todas as mulheres “potencialmente” propensas à doença.

A resposta dada pelo Sujeito 02, na versão hipertextual, evidencia o estágio III de compreensão, sendo, portanto, sua resposta classificada como “adequada”. Tem-se, nessa resposta, uma inferência total, ainda que ela apresente marcas de insegurança na materialidade do enunciado. Inicialmente, esse sujeito apresenta parte das reflexões que deveriam ser suprimidas. Entretanto, ao final de sua resposta, a tese é apresentada.

Também as respostas fornecidas pelos sujeitos 03 e 04 foram consideradas totalmente adequadas e, dessa forma, evidenciam o estágio III de compreensão. Percebe-se, nessas respostas, a realização de inferência global. As repostas denotam que eles perceberam o direcionamento da argumentação que visa a colocar em estado de alerta mulheres “potencialmente” propensas à doença.

Vejam, a seguir, algumas repostas dadas à questão 01 por sujeitos que realizaram a leitura dos textos na versão impressa.

• **Resposta à questão 1 – sujeito 01 – Versão Impressa**

• Risco de 87% de câncer de mama e de 50% de câncer de ovário. Assim que soube que minha realidade era essa, decidi agir de modo pró-ativo e minimizar o risco ao máximo. Tomou a decisão de realizar uma dupla mastectomia preventiva. Comecei pelos seios porque meu risco de câncer de mama é mais elevado do que meu risco de câncer de ovário, e a cirurgia é mais complexa.

• **Resposta à questão 1 – sujeito 02 – Versão Impressa**

• É possível se prevenir do câncer de mama sem correr o risco de perder a feminilidade.

• **Resposta à questão 01 – sujeito 03 – Versão impressa**

• No artigo, a atriz Angelina Jolie defende a tese da prevenção que está explicitada no 4º parágrafo, pois como relata no 3º parágrafo do artigo, o risco de possuir a doença era grande.

• **Resposta à questão 01 – sujeito 04 – Versão Impressa**

A tese da atriz se sustenta na ideia de que beneficiará, com informações, outras mulheres ao tornar pública sua escolha de fazer uma intervenção preventiva no corpo que, para ela, minimizaria o risco de uma doença séria.

As respostas dos sujeitos 01 e 02 revelam o estágio I de compreensão, ou seja, ambas as respostas enquadram-se como “inadequadas”. No caso do sujeito 01, nota-se ausência de inferência, uma vez que ele não demonstra compreensão global do texto e, por isso, sua resposta evidencia apenas uma paráfrase do texto. O sujeito 02, por sua vez, produz uma inferência não necessariamente correta, pois se fixa em uma informação secundária do texto.

No que diz respeito à resposta elaborada pelo sujeito 03 – versão impressa -, observa-se o estágio II de compreensão, sendo a resposta classificada, portanto, como “parcialmente adequada”. Trata-se de uma inferência parcial, uma vez que esse sujeito não explicita quando diz “tese de prevenção”, pois cita como exemplo o caso de Angelina e não o fato de ela incentivar as mulheres a uma investigação e, até mesmo, à possibilidade de realização de uma dupla mastectomia preventiva.

Na resposta do sujeito 04 – versão impressa-, nota-se o estágio III de compreensão, sendo a resposta classificada como “adequada”. Esse sujeito realiza uma inferência global, uma vez

que anuncia a tese objetivamente, sem rodeios, sem medo de desprender-se do caso Angelina em si e, dessa forma, denota perceber o direcionamento da argumentação que visa a colocar em alerta muitas outras mulheres “potencialmente” propensas à doença.

Análise qualitativa da questão 02: versão hipertextual x versão impressa

Trata-se de uma questão que buscou verificar a habilidade dos sujeitos em produzir informações que não foram apresentadas explicitamente no texto, mas que poderiam e/ou deveriam ser geradas a partir dele. Nesse caso, avaliamos, com essa questão, a habilidade de os informantes deduzirem a causa de informações explícitas e implícitas capazes de explicitar a imagem construída pela atriz Angelina Jolie.

De modo geral, a resposta esperada teria relação com uma das seguintes possibilidades: (i) a imagem da atriz como embaixatriz de grandes causas, ou seja, a imagem de quem partilha com milhares de outras mulheres a angústia da vulnerabilidade aos riscos de contraírem câncer de mama e virem a óbito; (ii) a imagem de quem está preocupada em justificar as suas ações perante a mídia, o que significa dizer que, para ela, é importante manter a opinião pública a seu favor, em função das vantagens que isso lhe traz. Por fim, (iii) a imagem de que nem ela mesma estava convencida de que a dupla mastectomia era (seria) a melhor solução. Por isso, reuniu todos os argumentos possíveis para se convencer de que a dupla mastectomia era (seria) o mais correto a se fazer. Assim sendo, a argumentação apontaria para outra imagem de Angelina Jolie: a de uma mulher insegura que busca a anuência para o ato realizado.

Vejamos as respostas sobre essa questão, partindo de uma breve análise relacionada aos níveis de compreensão da leitura realizada pelos informantes no formato hipertextual.

• Resposta à questão 2 – sujeito 01 – Versão Hipertextual

- A imagem que a atriz apresenta de si mesma é de uma mulher preocupada. Angelina Jolie se mostrou preocupada não apenas com a própria saúde, mas procura alertar a todas as mulheres sobre o assunto (Câncer de mama). Ela também mostra um lado muito humano, ao falar dos filhos e da própria mãe.

• **Resposta à questão 2 – sujeito 02 – Versão Hipertextual**

• Quando Angelina argumenta de forma subjetiva e racional ela se mostra como uma mulher preocupada com a saúde de si mesma, sobre o futuro de seus filhos e, o que é mais importante, mostra que com seu relato ela ajuda todas as mulheres do mundo a se conscientizarem sobre o poder que todas têm em fazer escolhas. Quer encorajar todas as mulheres, especialmente as que tenham histórico familiar de câncer de mama ou câncer ovariano, a buscar informações e procurar especialistas médicos que possam ajudá-las quanto a esse aspecto de suas vidas, e a fazer escolhas pessoais informadas, se mostrando uma mulher consciente e dedicada às causas humanitárias.

• **Resposta à questão 2 – sujeito 03 – Versão Hipertextual**

• Angelina constrói uma imagem de mãe dedicada, que se preocupa exclusivamente com os filhos; e de mulher forte e engajada, pela decisão que tomou e seu interesse pela saúde das mulheres em geral.

• **Resposta à questão 2 – sujeito 04 – Versão Hipertextual**

• Em todo o discurso, a atriz enfatiza sua imagem de mãe e de mulher. Nessa construção de si, a relação com o próprio corpo e as tomadas de decisões as quais, direta ou indiretamente, o afetam, não a tornam menos mãe ou menos feminina. Por sinal, valendo-se dessa justificativa, é que Angelina se projeta como um exemplo para que outras mulheres também se preocupem com sua saúde.

No que diz respeito às respostas a essa questão, todos os sujeitos obtiveram estágio de compreensão III, sendo, portanto, essas respostas classificadas como adequadas. As respostas acima revelam que os informantes foram capazes de realizar inferência causal para responder ao que era cobrado na questão. Os sujeitos explicitaram, inclusive, algumas possíveis causas que levaram a atriz Angelina Jolie a ter realizado o anúncio. De acordo com o sujeito 01, pelo fato de a atriz estar “preocupada não apenas com a própria saúde, mas procura alertar a todas as mulheres sobre o assunto (Câncer de mama). Ela também mostra um lado muito humano, ao falar dos filhos e da própria mãe.”; A resposta do sujeito 02 evidencia que ela “está preocupada com a saúde de si mesma, sobre o futuro de seus filhos e, (...) ela ajuda todas as mulheres do mundo a se conscientizarem sobre o poder que todas têm em fazer escolhas. Quer encorajar todas

as mulheres, especialmente as que tenham histórico familiar de câncer de mama ou câncer ovariano, a buscar informações e procurar especialistas médicos que possam ajudá-las quanto a esse aspecto de suas vidas. O sujeito 03 sinaliza que a atriz “se preocupa exclusivamente com os filhos; (...) interesse pela saúde das mulheres em geral.”; E o sujeito 04 salienta que ela é “exemplo para que outras mulheres também se preocupem com sua saúde.”.

Nesse ponto, vale a crítica de que nenhum dos sujeitos que respondeu a essa questão no formato hipertextual observou que essa imagem pudesse ser representativa de um embuste ou jogo de interesses da atriz. Isso denota que a resposta certa nem sempre é suficiente para que se chegue ao nível de compreensão de aspectos implícitos na argumentação global do texto.

Vejamos, na sequência, as respostas dadas a essa mesma questão pelos informantes que realizaram a leitura dos textos no formato impresso.

• **Resposta à questão 02 – sujeito 01 – Versão Impressa**

- A imagem de uma mãe zelosa com seus filhos e de uma mulher que se preocupa com os outros.

• **Resposta à questão 02 – sujeito 02 – Versão Impressa**

- Mãe, possível vítima de câncer de mama, segura e racional.

• **Resposta à questão 02 – sujeito 03 – Versão Impressa**

Através dos relatos da atriz, pode-se notar uma mulher que está preocupada principalmente em estar presente na vida dos filhos, que possa acompanhar o crescimento dos mesmos. O artigo também nos mostra uma Angelina que não está presa a vaidades, iguala a figura de celebridade internacional à de qualquer ser humano. A atriz se coloca no papel de mãe, o que mostra seu lado humano, e mostra também a visão da mulher de coragem que combate os desafios impostos pela vida.

• **Resposta à questão 02 – sujeito 04 – Versão Impressa**

Em seu anúncio, a atriz demonstra a imagem de uma mulher consciente de sua condição de saúde que se viu obrigada a fazer uma escolha que sabe não ser fácil de ser tomada pela maioria das mulheres, já que trata de um ponto que tange tanto a vaidade e a autoestima da maioria das mulheres. Além disso, demonstra preocupação com a maneira como as questões ligadas à sua intervenção preventiva (e possibilidade

de doença futura) são tratadas na sociedade, bem como a falta de informações sobre o assunto.

Também no formato impresso, foi possível verificar que os sujeitos atingiram o estágio III de compreensão, com respostas consideradas adequadas ao que foi cobrado na questão. Todos os informantes atingiram a meta proposta, isto é, a realização de inferência causal. Eles explicitaram, inclusive, que a causa de Angelina ter feito o anúncio no artigo era: sujeito 01: porque é mãe zelosa e se preocupa com os outros; sujeito 02: porque é mãe e “possível vítima”; sujeito 03: porque é “mãe”, “mostra o lado humano” e mostra também “a visão da mulher de coragem que combate os desafios impostos pela vida”; sujeito 04: porque “se viu obrigada a fazer uma escolha que sabe não ser fácil de ser tomada pela maioria das mulheres” e porque “demonstra preocupação com a maneira como as questões ligadas à sua intervenção preventiva (e possibilidade de doença futura) são tratadas na sociedade, bem como a falta de informações sobre o assunto.”.

Importante frisar que, também aqui, vale a mesma crítica já apresentada. Dito de forma mais clara, nenhum dos alunos que respondeu a essa questão no formato impresso observou que a imagem de Angelina Jolie pudesse ser representativa de um embuste ou jogo de interesses da atriz. Isso denota que a resposta certa nem sempre é o suficiente para que se chegue ao nível da compreensão de aspectos implícitos na argumentação global do texto.

Como já informado, essa análise qualitativa foi realizada para cada uma das respostas obtidas na leitura dos textos, tanto na versão hipertextual quanto na versão impressa. Conforme esclarece Coscarelli (2012), a análise qualitativa, nesse tipo de experimento, justifica-se pelo fato de fornecer subsídios capazes de mostrar outros níveis de compreensão, não abordados pela análise quantitativa.

Apresentadas as análises, serão realizadas, no próximo item, as considerações finais.

Considerações finais

De acordo com a análise das respostas, os estudantes que leram os textos no formato hipertextual obtiveram melhores resultados em três das questões propostas. Esse resultado favorável ao formato hipertextual foi verificado nas seguintes questões: 01 - identificação da tese de um texto (75% de

acertos no formato hipertextual e apenas 37,50% de acertos no formato impresso). Na questão 04 - de base inferencial/relacional (100% contra 50%) e na questão 05 - que media a habilidade dos sujeitos quanto à identificação da finalidade de textos de diferentes gêneros (93,75% contra 75%).

No que diz respeito às respostas inerentes à questão 02 (de base inferencial causal), o percentual de acertos foi o mesmo nos dois formatos (100% de aproveitamento nas versões hipertextual e impressa). Já a análise das respostas dadas à questão 03 (que alternava habilidades de localização e inferência), indicou melhores resultados para o formato impresso (87,50) em detrimento do formato hipertextual (75%).

De modo geral, como já apresentado, a análise quantitativa revelou alguma diferença, ainda que não seja estatisticamente relevante, entre a compreensão de textos apresentados no formato hipertextual e no formato impresso. Essa diferença pode estar relacionada ao fato de a navegação no hipertexto digital ser mais prática e, portanto, estimular o leitor a voltar nos textos mais vezes do que acontece no formato contínuo, ao qual o acesso a uma informação específica não ocorre de maneira tão rápida e fácil como no formato hipertextual. Essa constatação foi, inclusive, observada durante a realização do experimento.

Outro ponto que merece ser destacado diz respeito à análise qualitativa das respostas. Essa análise possibilita afirmar que a qualidade das respostas obtidas no formato hipertextual não chega a ser substancialmente melhor que as respostas apresentadas no formato impresso. Isso porque, como já exposto por Coscarelli (2012), o fato de não haver uma resposta aparentemente satisfatória para uma questão aberta, não implica, necessariamente, incompreensão do texto. Muitas vezes, a resposta dada pelo estudante pode não ter sido considerada satisfatória por ser vaga, imprecisa ou inadequada em relação à habilidade de leitura verificada, mas ao mesmo tempo pode revelar compreensão do(s) texto(s) apresentado.

Por fim, o experimento realizado abre margem a outros questionamentos: se diferentes habilidades de leitura fossem avaliadas, os resultados seriam os mesmos em relação a textos apresentados nos formatos impresso e hipertextual? Ou, então, até que ponto a familiaridade com o computador e com a internet poderia interferir no processamento da compreensão de textos? Essas perguntas sugerem, portanto, novos estudos a

respeito das semelhanças/diferenças na compreensão de textos nos formatos impresso e digital.

ABSTRACT

The present work sought to investigate whether there are differences in comprehension for texts that were presented in two ways: print/continuous and hypertextual/digital. In order to approach the issue, texts on a same given theme were selected, though they consisted of diverse textual genres. We assumed that every text is, per excellence, a hypertext, and that all reading is carried out hypertextually. Based on these precepts, the hypothesis was that the form for text presentation does not constitute a factor capable of interfering substantially in the act of reading, since the process of comprehension does not take place linearly. The experiment was done with students from the Letras course of a federal public university, which were divided into two groups. A group "A", composed of four students, read the texts digitally. A second group, "B", read the texts in print. The results evidenced slight differences, though of small significance, in the reading skills for hypertexts/digital texts versus print/continuum. However, a qualitative analysis of the answers provided during the experiment showed that these differences do not imply, necessarily, lack of comprehension of the texts read.

Keywords: Hypertext reading. Genres. Reading comprehension.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria aparecida. **Compreensão de Hipertexto: sob a perspectiva da Teoria da Mesclagem**. Belo Horizonte: 2006. 157f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

BEAUGRANDE, Robert. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and the freedom of access to knowledge and society**. Norwood: Ablex, 1997.

CAFIERO, Delaine. **A construção da continuidade temática**

por crianças e adultos: compreensão de descrições definidas e de anáforas associativas. Campinas/SP: 2002. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

CHARTIER, Roger. Leitores e leituras na era da textualidade eletrônica. Tradução de Valentina Vandeveld. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.) **O hipertexto em tradução**. Belo Horizonte: Viva Voz (FALE/UFMG), 2007.

COSCARELLI, C. V. Texto versus hipertexto: na teoria e na prática. In: COSCARELLI, C. V. (Org.) **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 147-174.

COSCARELLI, C. V. Os dons do hipertexto. In: **Littera: Linguística e literatura**. Pedro Leopoldo: Faculdade de Ciências Humanas de Pedro Leopoldo, 2006.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo. Ed. 34, 1993

RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando**. Notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: InterDitado, 2009. (Coleção *Indie*). Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Hipertexto-ana-elisa-ribeiro.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizontes, 2008.

Sites (textos utilizados no experimento)

Angelina Jolie. **The New York Times**. Tradução: Paulo Migliacci. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/05/1278347-angelina-jolie-minha-escolha-medica.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2013

Editorial: O caso Angelina Jolie. Folha de S. Paulo, 16 maio, 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/05/1279382-o-caso-angelina-jolie.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2013